

LUTA LUXO

Foto: Camilla Garrido



Fachada do teatro Municipal de Prudente

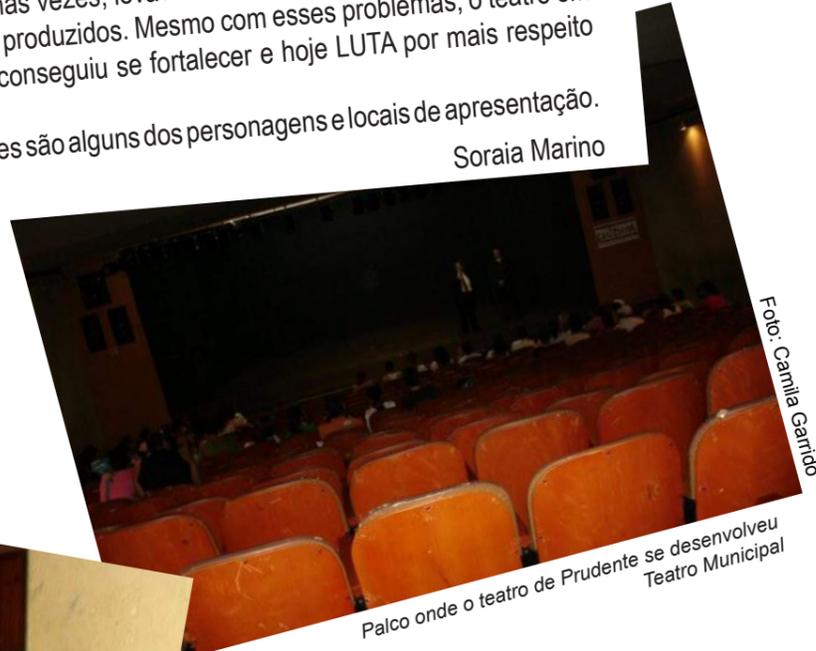
A LUTA do teatro prudentino começou cedo. Pode-se comprovar, através de arquivos de meios de comunicação de Presidente Prudente, que esta história tem pelo menos 50 anos, mas, nem por isso, tem no currículo apenas grandes vitórias. O gênero teatral teve que enfrentar, ao longo deste período, o preconceito, a falta de incentivo, a infima estrutura, a carência de especialização e até mesmo o desleixo dos próprios atores que, algumas vezes, levavam ao palco peças pouco ensaiadas e textos mal produzidos. Mesmo com esses problemas, o teatro em Prudente conseguiu se fortalecer e hoje LUTA por mais respeito e espaço.

Esses são alguns dos personagens e locais de apresentação.

Soraia Marino

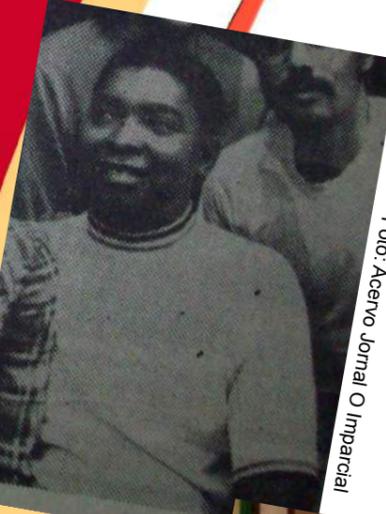
Foto: Camilla Garrido

A porta para o mundo dos sonhos



Palco onde o teatro de Prudente se desenvolveu Teatro Municipal

Foto: Camilla Garrido



Paulo Roberto Lisboa, o famoso Caracu, grande ator da década de 70

Foto: Acervo Jornal O Imparcial



Foto: Bruna Menezes

Diretor do grupo infantil mais antigo de Prudente, Silvio Moreira

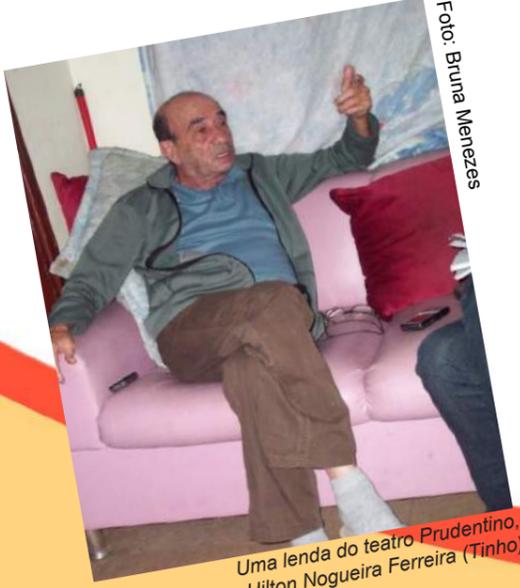
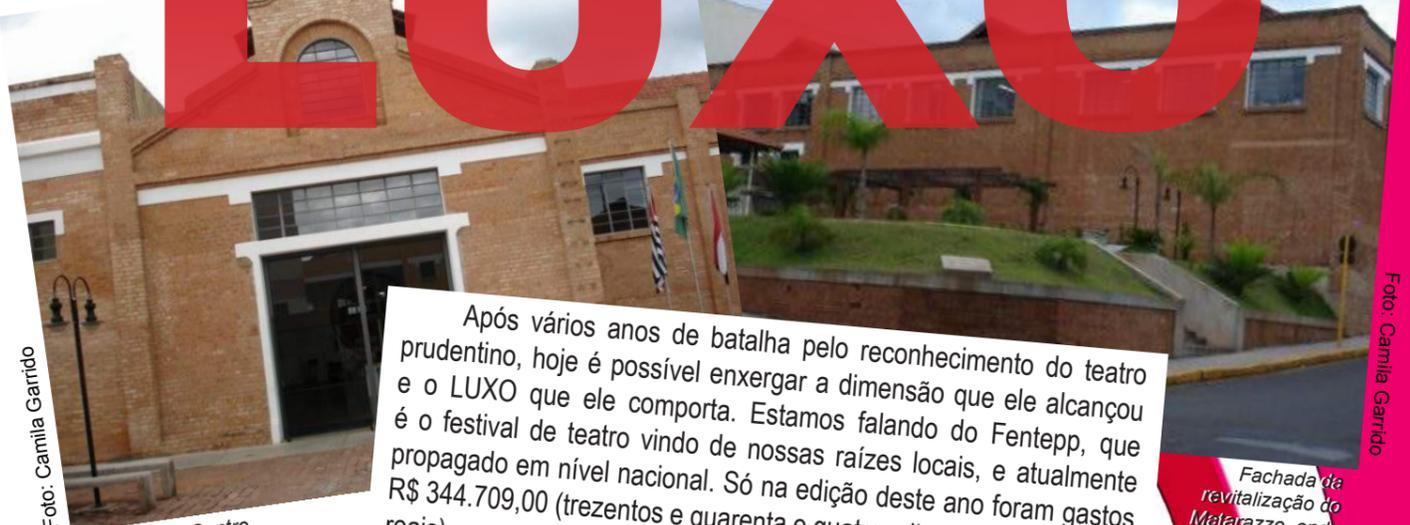


Foto: Bruna Menezes

Uma lenda do teatro Prudentino, Hilton Nogueira Ferreira (Tinho)

Foto: Camilla Garrido



Entrada do Centro Cultural Matarazzo

Após vários anos de batalha pelo reconhecimento do teatro prudentino, hoje é possível enxergar a dimensão que ele alcançou e o LUXO que ele comporta. Estamos falando do Fentepp, que é o festival de teatro vindo de nossas raízes locais, e atualmente propagado em nível nacional. Só na edição deste ano foram gastos R\$ 344.709,00 (trezentos e quarenta e quatro mil, setecentos e nove reais).

Nas próximas páginas, saiba um pouco mais sobre o inverso desta luta.

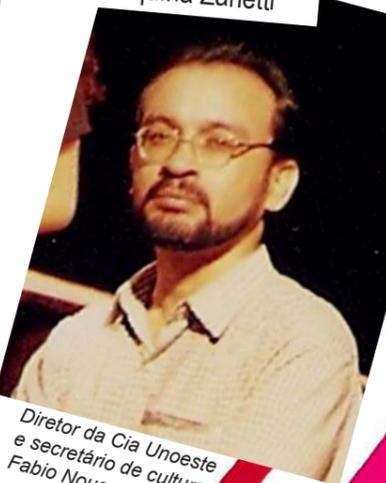
Esses são alguns personagens e local de apresentações

Valquíria Zanetti

Foto: Camilla Garrido



Anfiteatro, onde acontecem os espetáculos da cidade e do Fentepp



Diretor da Cia Unoeste e secretário de cultura Fabio Nogueira

Foto: Acervo pessoal de Fabio Nogueira

Foto: Acervo pessoal de Hanael Mendes



Diretor do grupo Garimparisos Hanael Mendes

Foto: Camilla Garrido

Fachada da revitalização do Matarazzo, onde abriga agora o Centro Cultural Matarazzo



Produtor Cultural da Secretaria de Cultura de Prudente Denilson Biguete

Foto: Camilla Garrido

As multifacetadas de um Sonhador

Reportagem
Camila Garrido

Nascido em 28 de outubro de 1967, fez faculdade de Pedagogia, com especialização em Arte Educação. Formado em Direção Teatral, é ator e ainda produtor cultural da Secretaria de Cultura de Presidente Prudente.

O nome do personagem é Denílson Biguete, que trabalha com teatro há 20 anos e que começou a se interessar pelo mundo cênico quando estudava no Monsenhor Sarrion. “A escola proporcionava um ambiente de desenvolvimento artístico para os alunos com o teatro, a literatura, enfim, sempre tinha um professor que incentivava e que permitia que o aluno construísse coisas, que criasse”, lembra.

Foi a partir deste incentivo que escreveu o seu primeiro texto aos 19 anos: “Coisas que Marcam”, encenado por um grupo de teatro amador na época, chamado Cia Ciclo. Ele se identificou com o trabalho e entrou para o grupo representando um personagem de sua própria peça. Companhia da qual posteriormente se tornaria diretor e que até hoje mantém vivo.

Nesse meio tempo, Denílson passa no concurso da prefeitura municipal e larga o serviço de auxiliar de escritório para se efetivar na profissão de pedagogo,

ensinando arte na educação, dando aulas tanto para crianças, quanto para professores.

Em 1996, monta o espetáculo “Senhora dos Afogados” de Nelson Rodrigues, onde encontra uma consistência estética através da qual, até hoje, o grupo vem se pautando em grandes autores, onde a literatura é valorizada.

Denílson fazia teatro da forma como via e não com o conhecimento da técnica. Foi através de cursos e oficinas que participou, somando toda carga horária que o sindicato pede, que conseguiu o seu registro profissional de ator.

Já em 1999, há uma grande virada em sua vida. Biguete volta aos palcos, e monta o espetáculo “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, onde se afasta da prefeitura durante um ano e oito meses para viajar com o espetáculo. Durante essas viagens, conhece vários artistas globais, entre eles, Derci Gonçalves de quem fez produções de espetáculos em seis estados brasileiros.

“Como viajei muito tempo com espetáculos globais, isso me deu um conhecimento de causa de como viabilizar e produzir”, acrescenta.

E seguiu sua vida durante nove anos entre a prefeitura, a faculdade de pedagogia e suas produções globais e espetáculos teatrais.

Com tudo isso, em 2008 sente a necessidade de criar um espaço de formação artística livre, para fomentar a cultura da cidade e incentivar a propagação da arte em Prudente.



Encenação de “Memória Póstumas de Brás Cubas”

Fotos: Arquivo pessoal de Denílson Biguete

Nasce então o “Lugar das Artes”, que em parceria com Thiago Cardoso na época, recém-formado no curso técnico de arte dramática do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), ministra aulas até hoje para alunos de todas as idades e por onde se tem formado muitos grupos teatrais na cidade.

“A arte é uma renovação constante, cada dia é uma situação nova, é um desafio novo que eu tenho que vivenciar e aprender”, afirma Biguete.

E diz ainda ter realizado muitos sonhos, pois tudo que tem hoje é fruto do trabalho artístico que realizou “Um grande sonho que tenho é potencializar o meu grupo, é conseguir me manter no mercado competitivo, é ter um grupo que tenha uma função social maior do que a gente já tem, é conseguir comunicar a minha ideia e que as pessoas entendam o que estou passando, é saber trabalhar em grupo, é entender o coletivo, saber lidar com as diferenças, pois o teatro só é feito no coletivo, este é o meu sonho”, revela.



Fotos: divulgação do site do Fentepp

Fotos: Arquivo pessoal de Denílson Biguete

Encenação de “Memória Póstumas de Brás Cubas”, peça que causou uma reviravolta na vida de Denílson Biguete

Fotos de alguns espetáculos do Fentepp do ano de 2009

O bom filho à casa torna

Reportagem Bruna Menezes

Entre idas e vindas, brigas e lutas, o presidente da Federação de Teatro de Presidente Prudente, Cláudio Dolcimasculo, traça a sua trajetória e marca a história no teatro do interior.

Em 1983, quando começou com o teatro amador em Prudente logo decidiu mudar o rumo da sua vida e fazer a diferença na arte de interpretar, foi se aperfeiçoar em São Paulo na escola de artes Macunaíma.

Com o término do curso de artes cênicas e da oportunidade de dar aulas de teatro, foi para Florianópolis e só depois em 1991 voltou para Prudente trazendo na bagagem uma vasta experiência e a peça "Dragões não conhecem o paraíso".

Em seguida, foi convidado a participar da companhia de Denilson Biguete, onde encenou a polêmica peça "Amar verbo intransitivo", de Mário Quintana, onde fazia o papel feminino de Fräulein.

Com a peça Hora da estrela, de Clarisse Lispector, onde fazia parte do grupo Teatro de Oz, o elenco ganhou três prêmios no festival de Prudente: melhor atriz, direção e um especial do júri.

Nessa mesma época, montaram o "Memorial do Convento" de José Saramago que ganhou sete prêmios no festival de Penápolis.

Com toda essa exposição uma coisa foi inevitável: a inveja. "As pessoas de teatro são rancorosas e ciumentas. Não gostam de ver as pessoas se projetarem, o que é uma grande besteira", desabafa Dolcimasculo.

E após uma precoce eliminação do mapa cultural na fase municipal encerraram-se as atividades do Teatro de Oz. Cláudio saiu de Prudente e voltou apenas alguns anos depois com: "Presepadas, piadas e alfinetadas", "Memória de minhas putas tristes", de Garcia Marques e Quixote, do Cervantes, junto com parceria e afins.

Sendo o único na cidade com formação profissional em artes cênicas, Claudinho, como é conhecido, fala que atualmente devido à batalha dos grupos, ele vislumbra um crescimento para a produção teatral na cidade, mas que ainda existem muitas dificuldades em se estabelecer um grupo teatral, a ponto de ser respeitado pelos

órgãos públicos e admirados pela população. "As pessoas não têm o hábito de ir ao teatro, uma parte é por culpa dos próprios artistas, que não tem profissionalismo e muitas vezes apresentam coisas ruins, mal ensaiadas e estudadas", finaliza.



Foto: Arquivo pessoal de Cláudio Dolcimasculo

Cláudio Dolcimasculo no tempo em que fazia escola Macunaíma



14- Retratos

Espectáculo Amar Verbo Intransitivo, em cena Adalberto Garcia a esquerda e Cláudio Dolcimasculo a direita fazendo o papel de mulher

Para se profissionalizar é preciso

estudar

Reportagem Bruna Menezes

Um profissional de arte e cultura que obterá recursos vocais, corporais, emocionais, plásticos e tecnológicos, para assim poder transmitir ao público um conjunto de situações, ideias e ações dramáticas, aliando a sua criatividade às indicações do diretor e ao compromisso ético-ambiental. Esse é o principal objetivo do curso técnico em artes dramáticas oferecido pelo Senac Presidente Prudente.

Esse tipo de curso profissionalizante é o único oferecido na cidade.

Segundo o gerente da instituição Marco Antonio de Oliveira, é a chance de seguir uma carreira. "O curso oferece a oportunidade de adquirir o DRT (Delegacia Regional do Trabalho) para o exercício da profissão plenamente e com a competência necessária para

atuação nas mais diversas áreas que a profissão pode oferecer, além da consciência de seu papel social", defende.

No Senac Presidente Prudente o curso já existe há sete anos. "A primeira turma foi de 2002 a 2003, com duas salas no programa. Ao todo foram três turmas formadas pelo técnico", conta Elaine Brito da Cunha, agente técnico administrativo, que ainda fala que vários profissionais do ramo deram aulas no curso como Denilson Biguete, Cida Camargo, Cláudio Dolcimasculo entre outros.

Ainda faz parte do currículo do técnico em arte dramática a produção de peças

teatrais. "Essas produções são desenvolvidas durante o curso e são apresentadas em um circuito de teatro aberto ao público, para que as pessoas possam também conhecer o que está sendo realizado", declara Cláudia Venerio Garcia, Técnica de desenvolvimento profissional do Senac Prudente.

Porém para fazer o Técnico de Arte Dramática do Senac é necessário desembolsar até o fim do curso R\$ 4.230,00, o que para alguns artistas locais seria uma quantia absurda, já que para sobreviver de teatro na cidade é preciso muita luta.

Abrem-se as cortinas

Reportagem Bruna Menezes

Dos olhos atentos da plateia ao suor dos artistas. Desde a antiguidade a arte teatral é encenada em um templo chamado igual a arte expressada: teatro.

Em Presidente Prudente essa história não poderia ser diferente e se faz presente no Teatro César Cava da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), um dos templos artísticos da cidade. De acordo com José

Edmilson Vasconcelos, o César Cava foi fundado em julho de 1988 por iniciativa de Paulo Cesar de Oliveira Lima, o então reitor administrativo da Unoeste, com a finalidade de expandir a cultura nacional e regional na cidade, proporcionando mais uma opção de lazer.

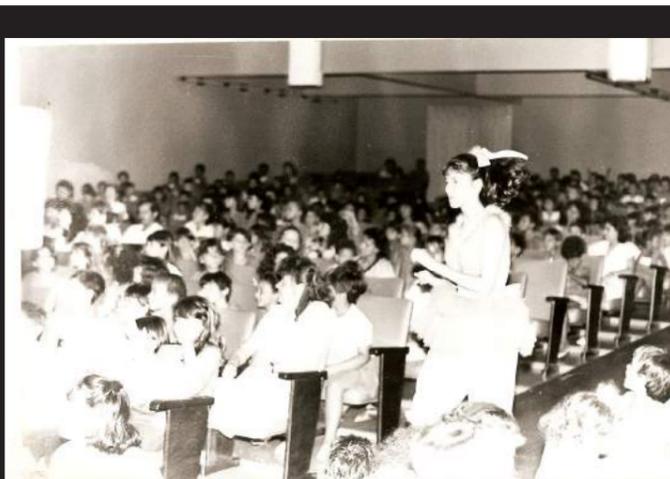
“O nome dado para o teatro foi uma homenagem ao poeta e compositor do hino de Presidente Prudente César

Carlúcio Cava, que era um grande incentivador da cultura na cidade”, relata José Edmilson Vasconcelos, coordenador de cultura da Unoeste.

Com capacidade para 465 lugares, dois camarins, 120 mil watts de potência, antena parabólica e um avançado sistema de som e ar-condicionado, o TUCC (Teatro Universitário César Cava) oferece suporte suficiente para



Construção do teatro Cesar Cava



Plateia cheia em dia de apresentação no teatro da Unoeste

Da criação nasce a Arte

Junto com a fundação do Teatro César Cava veio a Unoeste Companhia de Teatro, que conta com a participação dos acadêmicos dos mais variados cursos oferecidos pela universidade e tem como objetivo colaborar com a formação profissional e pessoal dos acadêmicos, dando-lhes a oportunidade de atuar como atores, técnicos de som e iluminação e vídeo. Além de

conhecer o palco e os bastidores da arte interpretativa.

Mais de 500 alunos já fizeram parte da companhia que é dirigida há 21 anos pelo atual secretário de Cultura de Presidente Prudente, Fábio Nogueira. “É uma história para

o país, uma companhia de teatro resistir há 21 anos, isso graças a Unoeste e aos meus esforços. Atualmente estamos montando dois espetáculos que vão estrear no ano que vem que são Helena Curvo e Valsa Número Seis”, declara.

A pílula Falante

Reportagem Camila Garrido

Boneca também pode falar.

Tudo começou quando Narzinho foi atrás de doutor Caramujo para que lhe arranjasse um remédio, para sua boneca falar.

Dr. Caramujo descobre uma pílula que tem o poder de fazer qualquer ser vivo falar. Nisso, o sapo, sem querer come a pílula e desata a falar.

O médico que descobre que o sapo engoliu por engano a pílula, o faz vomitar, pois o remédio não era para ele.

O doutor dá a pílula falante para Narzinho que já ensina a boneca a engolir o remédio, no mesmo instante que a boneca engole o comprimido ela desata a falar e fala, fala, fala, durante três horas sem parar.

E é daí onde começa a história do espetáculo “A pílula falante” de Monteiro Lobato, que é dirigida por Silvio Moreira e encenada pelos atores Ana Cláudia da Silva, Lucilene Mendonça,

Rodrigo Silva, Victor Hugo e Crislaine Delfim Laís, interpretam em torno de 10 a 12 personagens durante a peça.

Segundo Moreira, já viajaram para várias cidades da região como Martinópolis, Indiana, Pacaembu, Dracena, entre outras. “O espetáculo esta tendo uma grande aceitação do público, pois é uma história leve e engraçada”, afirma.

Ao mesmo tempo também esta em cartaz com a peça “A Chapeuzinho Vermelho”, que também esta sendo bem aceito pelo público.

Na primeira semana de novembro de 2009 irão participar da 3ª Amostra de Teatro Prudentino, onde haverá vários grupos de prudente se apresentando.

“Esta amostra vai ser muito importante para o teatro de Prudente, pois

vai ser um incentivo a mais para os grupos que batalham como a gente”, finaliza Moreira.



Da esquerda para a direita, Ana Cláudia, Crislaine, Lucilene, Victor Hugo, Rodrigo Silva



Apresentação do espetáculo “A Pílula Falante”



(Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo) confiante em relação ao sucesso do evento. O TEV (Teatro Estudantil de Vanguarda) estreou no festival com "O homem, a mulher e a flor". Nesta década, uma eliminatória não era um festival, mas uma verdadeira guerra, pois os grupos levavam tão a sério as apresentações que havia rivalidade, chegando até à inimizade entre eles.

Apesar de muitas lutas, o teatro prudentino continuava brilhando. Por ser a cidade onde havia as estréias das peças com atores e atrizes da capital, surgiu a oportunidade do interior conhecer as grandes peças nacionais e de projetá-las, pois São Paulo estava se constituindo em "importadora de peças". Assim, o Esquema Vestibulares (colégio integrado) quis implantar de vez o teatro profissional no interior como forma de cultura. O Teatro Popular do SESI fez temporada com a peça "O primo da Califórnia", de Osmar Rodrigues Cruz. Regina Buchalla, nova diretora da Fetas em 1974, trouxe a conhecida atriz Beth Mendes, ao salão do colégio Cristo Rei, encenando "Desgraça de uma criança", para arrecadar fundos e sanar dívidas do ano anterior.

Além de tudo isso, Prudente mostrava suas estrelas, bem vistas lá fora, como Timochenco Wehbi, que chegou a receber o diploma de título de Cidadão Benemérito, pela sua atuação artística, elevando a fama teatral da cidade. Ele se tornou revelação como autor com a peça "A vinda do Messias", em 70. Outro personagem ilustre, Glauco Lopes, cintilava no teatro e na TV no Rio de Janeiro. Participou da novela "O Bem Amado" e do programa "Grande Família", da emissora Globo.

Para fechar com chave de ouro, a capital da Alta Sorocabana se tornou a "Hollywood do teatro". Com a intenção de mostrar ao público interiorano o que estava sendo feito de novo, trabalhos inovadores, grupos, companhias paulistas, atores de fora decidiram mostrar suas peças aqui. Carlos Imperial

apresentou a comédia "Um edifício chamado 200", de Paulo Pontes. Marília Pêra atuou em "Apareceu a Margarida", no Teatro Municipal. Em 1978, Kate Hansen, Sônia Guedes, Marcos Frota, entre outros, trouxeram a peça de autoria norte-americana "Caixa de sombras", um sucesso absoluto na Broadway, que falava sobre o comportamento humano em situações críticas, delicadas. Em 79, Sérgio Jockyman veio encenando "Marido, matriz & filial, no teatro da APEC. E encerrando a década de 70, apresentam-se aqui Luiz Arthur e Carlos Abel, do Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, com a peça infantil "O saci pererê" e, a inusitada "Chico Picadeiro é o palhaço", do Teatro de Mimica de Taubaté, no Teatro Municipal, em 1980.

Foram muitas histórias que talvez você nem imaginasse que existiram. Mas, este é o tapete de veludo por onde vários personagens passaram, lembrando que a estrela principal foi e é sempre o teatro, em qualquer época, conforme encontra-se nos relatos destes batalhadores nas histórias dos bons tempos, dos bons anos, 70 a 80.

Esta matéria foi escrita com base nas informações contidas nos cadernos sobre estes anos do Jornal O Imparcial.



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial
Glauco Lopes, mais um prudentino que brilhou no teatro e na televisão



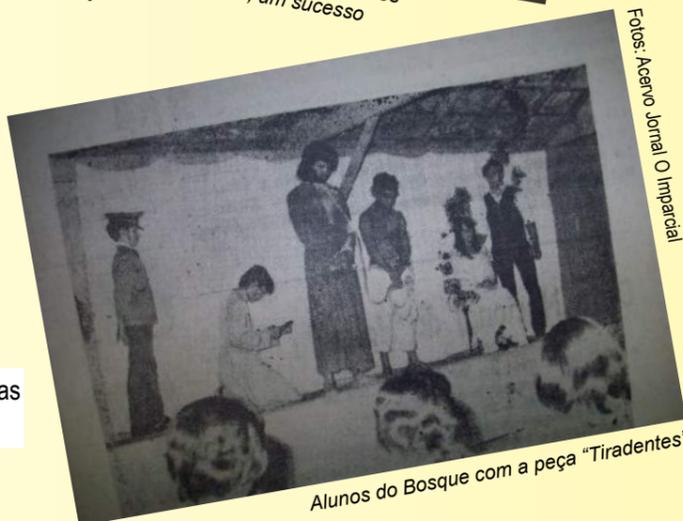
Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Marília Pêra em Prudente, encenando a peça "Apareceu a Margarida"



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Kate Hansen, Sônia Guedes, Marcos Frota entre outros encenando a peça "Caixa de sombras", um sucesso absoluto na Broadway



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Alunos do Bosque com a peça "Tiradentes"

O nariz do Palhaço

Reportagem Bruna Menezes



Uma trupe de palhaços que faz do teatro de rua o seu espetáculo

São usados na peça truques de palhaços, caretas, personagens típicos e muita interação com a platéia. Através de um gênero que é a farsa, com sua crítica associada ao humor e a questões da sociedade medieval, que em nenhum

os poderes políticos e morais, e que envolve personagens e público de maneira cômica.

Não foi a primeira vez que o Rosa dos Ventos participou do Fentepp. A relação com o festival vem desde 2003 e já apresentaram todas as peças que fizeram.

"Além da possibilidade de venda de nossos espetáculos é um momento de observação. A vinda de muitos grupos possibilita um rico momento de troca", conta Fernando Ávila sobre o festival e ainda completa: "De alguma maneira, é colocar nossas avaliações sobre o trabalho que realizamos".

momento deixam de levantar questões atuais do comportamento humano.

É uma peça para mexer com

No ano de 2009, o grupo de circo e teatro Rosa dos Ventos foi o único pertencente a cidade de Presidente Prudente a se apresentar no Fentepp (Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente).

Foram 65 minutos de uma apresentação, realizada na Praça 9 de julho.

O espetáculo de rua apresentado foi "A Farsa do Advogado Pathelin", que conta a história de Pathelin, um advogado e também um grande trapaceiro que em um de seus momentos de crise aplica um golpe em cima do comerciante de tecidos Guilherme Cövade. Tudo isso para poder vestir a si e a sua mulher.

A peça é uma mistura de circo, teatro, música, com influência da comédia Dell'art, e que ainda aposta na veia cômica dos atores para fazer o público dar boas gargalhadas.



Apresentação de rua no Fentepp 2009 da peça A Farsa do Advogado Pathelin

Foto: divulgação site do Fentepp

O Proscênio

Reportagem Bruna Menezes

Em uma casinha pequena e rústica, escondida no centro da cidade de Presidente Prudente, reside um senhor de feição cansada e com marcas do tempo. A aparência simples não deixa em destaque o grande talento escondido por trás daquele personagem.

E é só ele começar a conversar sobre os velhos tempos que se abre um baú de recordações do teatro prudentino.

A autoridade no assunto é Hilton Nogueira Ferreira, o popular Tinho, ator e diretor de teatro com atuações em toda a Alta Sorocabana e muitas, mas muitas histórias para contar.

Tinho começou a sua trajetória no teatro prudentino na década de 60, quando foi descoberto por professores do Instituto Educacional Fernando Costa. Os mestres buscavam jovens desinibidos, com boa leitura e interpretação. Hilton se encaixava em todas essas qualificações. “Nessa época, a secretária de Cultura de Estado contratava pessoas de fora para dar cursos de teatro para professores e atores”, declara Tinho.

Ainda segundo o artista, as peças eram ensaiadas em garagens e apresentadas no colégio São Paulo (quadra de basquete) e no teatro da Faculdade de Direito da então Instituição Toledo de Ensino.

Das várias peças, estão no seu currículo: 100 gramas de Ouro, Society e Baby Doll. Como diretor, teve a sua estréia na peça Otelo 69, do grupo TAE (Teatro Amador Eletrocaíua), apresentada no VII Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo. “É

uma comédia que causa no público as mais variadas reações e conclusões”, explica Tinho.

Otelo 69 sofreu algumas adaptações do texto original de Helio do Soveral devido à censura da época da ditadura militar. “Já havia um preconceito em relação ao teatro, e depois da ditadura a situação piorou. As pessoas eram consideradas marginais, gente que não tinha o que fazer”, acrescenta o artista.

A peça chegou apenas às semifinais do Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, mas foi considerada pelo público e em matéria do jornal O Imparcial uma das melhores peças da temporada.

Como diretor teatral, na década de 1980, dirigiu a peça Santo

Milagroso, na inauguração do Teatro César Cava, a pedido do diretório da faculdade Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), com a presença da Ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz.

Ainda sobre o teatro prudentino, Tinho conta que antigamente as pessoas sabiam da realização das peças através do boca a boca, grandes propagandas, faixas nos prédios, o que facilitava a visualização voltada para essa arte.

“Já hoje o teatro e a cultura estão esquecidos, os espaços culturais estão fechados, você tem que pagar para ensaiar no Teatro Municipal, que é público. As pessoas que fazem teatro e são pobres, não têm dinheiro para isso”, reclama.



Hilton Nogueira Ferreira, lenda viva do teatro Prudentino

Foto: Camilla Garrido

Um mergulho na escuridão

Reportagem Soraia Marino

Painéis de madeira preta. Figurinos vermelhos, brancos e pretos. Lâmpadas incandescentes. Este é o cenário do espetáculo Mal Secreto, do grupo teatral Mênades e Sátiros, em cartaz há dois anos em Presidente Prudente e região.

O ambiente, misterioso e propositalmente obscuro, coloca em cena a vida de Heitor, que é levada em meio aos delírios provocados pela esquizofrenia. De acordo com o diretor, Denilson Biguete, a peça conta

história de um homem como outro qualquer, que possui mulher e filhos, e que sofre com as consequências dessa doença. “Ele, dentro da casa dele, começa a receber as pessoas, e imagina que não são mais suas amigas. Então ele começa a matar essas pessoas, cada um com um requinte de crueldade. Ele vai matando porque elas provocam nele um descontrole emocional”, revela.

Assim que começam as mortes, há um jogo entre atores, espetáculo e plateia, no qual se coloca em dúvida, a todo o momento, se realmente Heitor está matando as pessoas, porque ele continua vendo as vítimas mesmo depois de dadas como mortas. A problemática toda é que nenhum outro personagem da história vê essas pessoas mortas, só ele. “Esse jogo é tão cruel, que a plateia é inserida dentro do cérebro de Heitor e acredita ora que ele está matando, ora que não

está matando. E essa confusão leva a plateia ao delírio”, diz Biguete.

E quem já viu a peça pode revê-la que vai se surpreender. É aí que está mais um dos diferenciais do espetáculo. A cada apresentação, o diretor muda alguma cena ou acontecimento. Algumas vezes os próprios atores ficam sabendo das mudanças minutos antes de começar a encenação, o que torna a peça muito mais emocionante e de certa forma, sempre inédita.

sempre inédita.

“Esses crimes acontecem muito perto das pessoas. E tem resquícios, tem pele com pele. É um espetáculo muito sensorial”, segundo Biguete

A Galinha dos Ovos de Ouro

No mês de agosto de 2009, Mal Secreto foi a vencedora da fase regional do Mapa Cultural Paulista. Levou para casa, além de muito prestígio e respeito, mais oito prêmios: cenário, diretor, ator, atriz coadjuvante (Valéria Santos), trilha sonora, figurino (Ivan Santos) e iluminação. Além disso, o grupo ganha, com a conquista, a oportunidade de concorrer, em 2010, na fase estadual deste circuito de teatro.

Thiago Cardoso, premiado como melhor ator, não esconde o fato de estar lutando há algum tempo por

essa conquista. “Eu já tinha ganhado o prêmio com outras peças, mas agora, com o Mal Secreto, foi muito interessante, porque é um trabalho de pesquisa que a companhia está aí há quase dois anos fazendo. E para mim é inovador, por falar da esquizofrenia, por ser um tema complexo, tão fechado em quatro paredes. Para mim, como ator, é algo que sempre instiga você a trabalhar um pouquinho mais e o prêmio, vem como uma constatação de que estou no caminho certo”.



Foto: Arquivo pessoal de Denilson Biguete

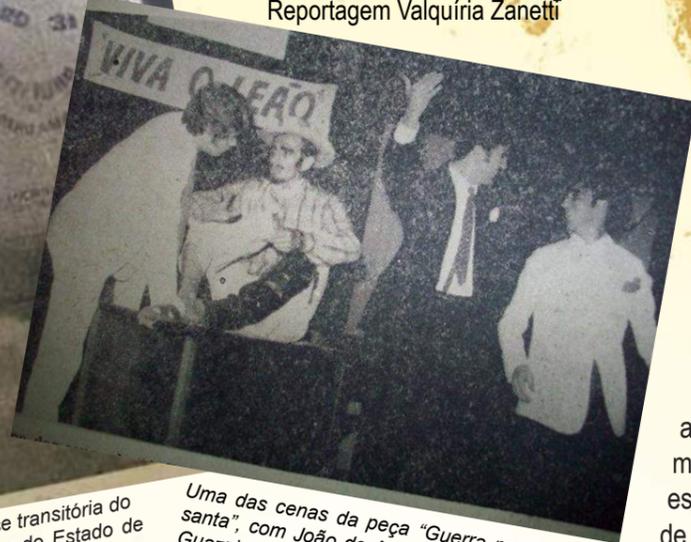
Bandeirantes da cultura: desbravando o teatro prudentino

Reportagem Valquíria Zanetti

O boato é grande. A curiosidade cresce. Quatro de outubro de 1967. Um marco na história da cidade de Presidente Prudente. É a primeira vez que se forma uma fila tão concorrida para um espetáculo teatral na cidade. A ideia do prefeito Florivaldo Leal torna-se, enfim, realidade.

“Meus amigos, eu vos agradeço a oportunidade que me acabas de oferecer em viver este grande momento. À cidade de Presidente Prudente, a minha gratidão de homem e de artista”. Com esta frase, o ator Procópio Ferreira inaugura o Teatro Municipal que ganha o seu nome e, apresenta a peça “Infidelidade ao alcance de todos”, de Lauro César Muniz, um dos maiores sucessos teatrais que a cidade já teve a oportunidade de assistir e que, como era de se esperar, lotou a nova casa de espetáculos. E não era para menos. No elenco, estavam também Rodolfo Mayer, Francisco Cuoco, Altair Lima, Glória Menezes e Rosamaria Murtinho. Esta movimentação toda, entretanto, não era comum.

Desde 1959, já existia teatro na cidade. Prudente contava com a Federação de Teatro da Alta Sorocabana (Fetas), que era responsável pela sustentação ativa da arte. A Fetas foi até considerada utilidade pública, pois ajudava a manter viva a fama de que a cidade era o “centro cultural interiorano”, um verdadeiro point do teatro no país, através de seus festivais bem organizados. Porém, entre altos e baixos, passou por crises, teve muitas diretorias. Seu primeiro presidente foi Luiz Maurício Sandoval. Diante do que acontecia, o teatro não podia se iludir com ajuda externa e, para manter firme a arte tão elogiada, a instituição



Uma das cenas da peça “Guerra mais ou menos santa”, troféu de posse transitória do V Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, com João de Aquino Rotta, Eugênio Terço Guazzi, Nilson Fransini e Hilton Nogueira Ferreira (Tinho)

“O Fantoche”, troféu de posse transitória do V Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo

Mais grupos desta época:

TACO (Teatro Amador do Coral). Peça marcante: “Morte e Vida Severina”, dirigida por Paulo Roberto Lisboa (Caracu)

TPA (Teatro Popular de Arte). Peça marcante: “Viagem ao faz de conta”, premiada pelo governo

Centro Educacional SESI-324. Peça marcante: “Dona Baratinha”

Escola Municipal Superior de Educação Física, com o inédito “Teatro de Fantoches”

TETO (Teatro todos os jovens do mundo)

TREJO (Teatro de Realização Jovem)

GTJ-5 (Grupo Teatral Jovem 5 ou do Cinquentenário)

TACA (oriundo da Faculdade de Direito)

FET-3 (oriundo da Faculdade de Filosofia)

UJOCA (União dos Jovens Católicos)

Grupo Teatral Walter Disney

A procura da arte perfeita

Reportagem Camila Garrido

“**G**arimpar é uma expressão utilizada para aqueles que escavam algo, que buscam tesouros escondidos. Garimpar o riso, garimpar o choro, é a busca do que sentimos e do que permitiremos que o nosso público sintam” diz Hannaell Mendes.

Em janeiro de 2006, alguns amigos que freqüentavam oficinas de teatro realizadas na cidade e participavam de um grupo de estudos sobre o fazer teatral, decidem se unir e formar uma companhia de teatro.

Parecia um sonho ousado, mas em fevereiro deste mesmo ano, com o objetivo comum de trilhar um caminho na história cultural de Presidente Prudente, se iniciam os trabalhos para a montagem da peça “Médico a Força”, de Molière. Estava fundada, então, a Cia. de Teatro Garimparisos.

Segundo Hannaell, desde então a Cia. ganhou formas definitivas e se solidificou, participando ativamente na promoção, difusão e fortalecimento do fazer teatral de nossa cidade.

A companhia “Garimparisos” conta hoje com um grande elenco de 13 pessoas entre esses atores, diretores e técnicos e mais três integrantes fixos Hannaell Mendes, Nadi Elias e Rita Lima (parte administrativa da Cia.), somando ao todo 16 integrantes do fazer teatral.

Neste curto espaço de tempo e dispendo de

limitados recursos, o grupo demonstrou sua força e capacidade de realização.

Segundo Mendes, na cidade não existe uma política cultural que visa promover, incentivar, fomentar e difundir a produção artística local. O que existe por parte do órgão responsável pela cultura, ou seja, Secretaria de Cultura é a compra de espetáculos produzidos com recursos dos próprios grupos e companhias, explica.

Acrescenta ainda que a Secretaria de Cultura apóia apenas fornecendo local para ensaios e, eventualmente, fornecendo material gráfico e isenção de taxa de utilização do teatro.

Até o momento, a companhia já montou sete espetáculos dentre eles, “A espera de Valentina”, que estreou em maio de 2007, está em cartaz até hoje e conta com 29 indicações a

prêmios com 12 deles conquistados.

O grupo recebeu prêmios por vários festivais que participaram entre eles 18º Festem (Festival de Teatro de Marília), onde a peça foi premiada nos seguintes quesitos: melhor espetáculo, melhor direção e cenografia (Antonio Junior), melhor texto inédito (Nadi Elias, Rita Lima e Valeria Santos), melhor atriz (Valéria Santos) e atriz coadjuvante (Nadi Elias) sendo indicado em mais quatro categorias e em 2009 o espetáculo está classificado para participar da 1ª edição do Festara (Festival de Teatro de Araçatuba) no dia 28 de outubro e ainda no dia 30 deste mesmo mês apresenta-se no Festival de Teatro de Foz do Iguaçu-PR.

“Até o momento este espetáculo é o carro chefe da Cia”, diz Hannaell.



Atrizes da peça a “Espera de Valentina”, da esquerda para a direita Nadi Elias, Dayane Rodrigues e Rita Lima

Acervo pessoal de Hannaell Mendes

Índice

Foto: Acervo pessoal de Claudio Dolcimasculo.



Foto: Acervo pessoal de Denilson Biguete

15 Um novo tempo para o teatro prudentino

29 Um mergulho na escuridão

05 Como foi o teatro prudentino antes da década de 60

06 Bandeirantes da cultura

08 O Proscênio

09 Bons Tempos

11 Timó (O pequeno e tímido grande homem)

12 Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo

14 O bom filho à casa torna

16 As multifacetadas de um sonhador

17 O Teatro pe(r)de espaço

18 Luta

19 Luxo

20 O outro lado da luta

22 Verbos e Verbas

23 Para se profissionalizar é preciso estudar

24 A união faz a força

25 A pílula falante

26 Entre risos e palhaçadas

27 O nariz do palhaço

28 Mênades e Sátiros

31 A procura da Arte perfeita

32 Respeitável Público

33 Hay Bagunça

34 Entre fios



Foto: Acervo pessoal de Claudio Dolcimasculo.

30 Em meio a espetadas, nasce Teatro do Alfinete

Ficha técnica

Bruna Menezes- Produção, Reportagem e Edição

Camila Garrido- Produção, Reportagem e Edição

Soraia Marino- Produção, Reportagem e Edição

Valquíria Zanetti- Produção, Reportagem e Edição

Coordenação Geral: Lêda Márcia Litholdo.

Diagramação e Programação

Visual: Bruno Mortensen

Hay Bagunça!

um espetáculo para boas risadas

Reportagem Soraia Marino

“Uma bagunça organizada”. É dessa forma que Luana Almeida, atriz do Mamatchas define, atualmente, o espetáculo Hay Bagunça!. O nome foi escolhido porque, logo que a peça foi criada, o próprio grupo – na época com oito integrantes – considerava que tudo não passava de uma grande bagunça, na qual cada ator tentava mostrar suas habilidades.

Com o passar dos meses, e com a saída de algumas pessoas, o primeiro trabalho do grupo foi aprimorado e ensaiado até chegar ao que é hoje, com mais de 80 apresentações por Presidente Prudente e região.

A peça, encenada tanto nas ruas quanto em centros culturais, escolas e shoppings, mostra a realidade de um circo, onde o proprietário não paga seus funcionários, o apresentador até tenta fazer seu trabalho – em vão – e uma tradutora finge que sabe traduzir. Por todas essas situações

inusitadas, ocorrem conflitos entre eles e, ao mesmo tempo, apresentam-se palhaços, malabaristas, mágicos e profissionais do contorcionismo.

Outra característica que dá ritmo e fundo ao espetáculo é a música e a dança. No fim, os personagens se preparam para a grande luta em um ringue.

Camila Peral destaca, ainda, que a peça pode ser assistida por todo tipo de pessoa e que o objetivo é que cada um tire sua própria lição, pois cada um tem um tipo de pensamento, de valor, e isso também varia de acordo com a idade do espectador.

Em cartaz em Presidente Prudente, Hay Bagunça! ainda não tem data para deixar os palcos e ruas. Se Os Mamatchas pensam em outra peça? O grupo confirma que outras e boas ideias surgem o tempo todo,

mas que ainda não é o momento de colocar novos projetos em prática.

Durante o mês de outubro de 2009, o espetáculo fez parte da programação dedicada às crianças do Prudenshopping. A agenda do grupo já tem mais apresentações confirmadas na cidade e na região até o final de 2009.

A bagunça do Mamatchas, colorida, alegre, irreverente, inusitada e reflexiva torna-se ainda mais interessante quando se pensa que não existe o trabalho de direção. Na realidade, todos os atores são produtores e “palhaços”, relata Luana.

E além de agradar ao público, que sentimentos a peça desperta nos próprios criadores e encenadores? “Estamos trabalhando com o que gostamos, fazendo o que nos dá prazer. Tem coisa melhor?”, conclui.

Foto: Acervo pessoal de Camila Peral



Em cena, a mistura latina dos Mamatchas





Credito foto: Acervo pessoal

Credito foto: Acervo pessoal



FACOPP

Faculdade de Comunicação
de Presidente Prudente

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA
UNOESTE
PRESIDENTE PRUDENTE - SP

RETRATOS

Ano 01 – nº 01 Presidente Prudente-SP Dezembro 2009

Foto: Camilla Garrido.



Os **50** anos
do teatro
prudentino

Entre Fios

ou o Clube da Luluzinha

Reportagem Valquíria Zanetti

Entre as ruas, entre as pessoas, lá estão elas. Por trás da maquiagem, mulheres batalhadoras. Sim, através destas mulheres, chega as plateias o grupo Entre Fios. Este é o nome da mais nova companhia de teatro em Presidente Prudente. O grupo é um conjunto de amigas que decidiram montar sua própria liberdade teatral. Vindas de outra companhia buscam o fio de união que as liga ao público, daí o nome característico.

Fundado no dia 20 de janeiro de 2009, trabalha com diversos tipos de linguagens para atingir as pessoas. Na verdade, não há função única para uma só pessoa. Todas são diretoras, atrizes, técnicas. Todas pesquisam e trabalham juntas para a montagem dos espetáculos.

Até agora apresentaram

a peça "Vai e Vem" na V Mostra de Teatro da cidade, em junho deste ano, tendo como diretora Nadi Elias. O texto trabalha com uma linguagem contemporânea com movimentos coreografados em linha reta, tentando destacar a vida de três personagens castigadas pelo tempo, fazendo com que suas memórias e seus sentimentos estejam na lateralidade da vida. De forma metafórica, cria uma dualidade de significados no decorrer da apresentação. Fazem parte do elenco: Juliana Galante, Mariana Ribelato, Emille Di Paula, Fernanda Spinosa, Alessandra Doni e Renata do Valle.

No momento, as meninas estão trabalhando com um espetáculo que se chama "Jingobel", mas não possuem

recursos próprios e de nenhum outro lugar. Elas alegam que em Prudente, a política pública não é difundida para nenhum tipo de arte ou cultura. "O que ocorre pelo poder público é a troca de moeda: Eu, enquanto gestor público lhe ofereço a minha moeda e nós, os artistas trabalhamos para obtê-la. Não existe incentivo, apenas barganha de trabalho!", é o que afirma Mariana Ribelato.

Portanto, até a presente data, ainda não há previsão para a encenação de um próximo roteiro. O clube das Luluzinhas está numa situação difícil, já vista há anos: a luta por patrocínio. Você é a favor ou contra este legado? Vai entrar pro clube ou ficar à espera de um milagre, entre as promessas deste emaranhado de estórias?

Foto: Acervo pessoal de Mariana Ribelato



As meninas em cena na peça "Vai e Vem", apresentada em junho deste ano

Apresentação

Bem-vindos! Esta é a revista Retratos, desenvolvida como peça prática de um Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista). O objetivo deste periódico é abordar, de maneira profunda e histórica, assuntos relacionados à cultura de uma maneira geral, e utilizar uma edição inteira para explorar e desvendar um tema específico.

Mas por que falar sobre o teatro prudentino? Qual a relevância de se contar esta trajetória? E os atores locais, fizeram história? O que existe de concreto sobre o assunto, tanto no início quanto na atual realidade do gênero? E por que escrever sobre a cena teatral do município justamente neste ano de 2009?

Antes das respostas, algumas observações.

Para que este projeto pudesse ser concretizado, primeiramente deveria existir uma ou mais pessoas dispostas a investigar e trabalhar a ideia. Foi então que Bruna Menezes, Camila Garrido, Soraia Marino e Valquíria Zanetti formaram o grupo responsável pela Retratos.

Muitas dificuldades se apresentaram e foram enfrentadas neste caminho. Primeiramente, logo no início, o pior dos desafios: a falta de documentação sobre o assunto. Em certos períodos só foi possível fazer este resgate através de pesquisas nos arquivos dos jornais prudentinos O Imparcial e Oeste Notícias. Ainda assim, um pouco deste material se perdeu ao longo desses cinquenta anos, tanto por problemas inesperados - foram molhados - quanto pela falta de consciência - algumas pessoas pegavam os jornais para fazer uma pesquisa, como o grupo, e jamais devolviam.

É muito importante que você saiba caro leitor, que para a conclusão deste trabalho, mais de três décadas desta trajetória foram pesquisadas e fotografadas nesses jornais, e que ao menos 8.000 exemplares foram consultados para a confecção desta revista. Embora isto não signifique dizer que foram encontrados materiais em todos eles. Muito pelo contrário.

Além disso, havia uma grande muralha: os entrevistados que tiveram

participação no surgimento do gênero. Em sua maioria, ou já não moram mais na cidade, ou já morreram. Quem ainda está vivo pouco se lembra, e algumas vezes, nem fotos tem guardado que recordem toda uma época. E os filhos destes artistas, que poderiam ter fotos, roupas e roteiros, por exemplo, nada ou muito pouco preservaram dessas relíquias.

Depois disso, foi enfrentada ainda a corrida contra o tempo, os prazos se esgotando e o dinheiro acabando, a divergência de opiniões, a escolha das melhores matérias... Felizmente, todas essas etapas foram vencidas.

A mensagem para você, que está começando a folhear a revista, é que, apesar de todas as dificuldades, foi um enorme prazer para toda a equipe trabalhar a Retratos. Que estas páginas toquem a vida de cada um que se propuser a explorá-las.

Curioso para conferir este novo projeto? Às páginas, então! E que se abram as cortinas e comece este maravilhoso espetáculo que é a história dos cinquenta anos do Teatro Prudentino.

Respeitável público!!!!

Reportagem Soraia Marino

A nacionalidade do nome: argentina. E por que esse favorecimento aos nossos hermanos? "Quando o grupo foi fundado, faziam parte cinco argentinos e apenas três brasileiros, assim, os estrangeiros tomaram conta do pedaço e daí surgiu o nome", explica Luana.

A missão de levar alegria ao público vai além do local de nascimento dos atores, ou da própria plateia. Ela é, também, social. Camila conta que eles se apresentam não somente em grandes palcos ou auditórios, mas que também procuram levar sua arte às ruas, à periferia, aos assentamentos de pessoas que não têm onde morar, pequenos municípios, etc. "O palhaço é um grande crítico e o circo com todos seus artefatos está junto com ele para concretizar este papel social. O artista, em geral, está aí para mostrar ao povo a realidade que é despercebida e ignorada", argumenta.

Eles falam em preço das apresentações, mas deixam claro que o valor sempre pode ser discutido, porque depende de quem está contratando. Ainda assim, relatam que é preciso dinheiro para a montagem de uma peça, locação de um espaço (quando não é na rua), quem é o grupo, como é o espetáculo, etc. "Montar um espetáculo não envolve apenas a parte técnica, mas também o empenho dos atores (que trabalham muito e ganham pouco), o tempo de ensaio (enquanto estamos em processo de ensaio e montagem, não apresentamos, logo não recebemos). Não é fácil", reclama Camila.

E a tão necessária verba pode vir de diversas formas, como o apoio da Secretaria de Cultura, que tem aumentado com o tempo, e também com o recebimento de prêmios. Camila fala com satisfação da conquista do Proac Edital nº 04, que é um programa de auxílio à cultura em todo o Estado de São Paulo. "Recebemos um incentivo de 10 mil reais para aprimorar nosso espetáculo. Com esse prêmio que ganhamos estamos trabalhando em cima do nosso atual espetáculo para concretizá-lo", comemora.

Além das apresentações com estilo circense e de rua, Os Mamatchas também desenvolvem diversas atividades ligadas à magia do circo. Pegaram desprevenidos, por exemplo, os clientes de um shopping de Presidente Prudente nas duas primeiras semanas do mês de outubro, quando entraram andando com pernas de pau, fazendo malabares e acrobacias, inovando com a narrativa de piadas e o uso de muita improvisação.

E quais serão os projetos futuros do grupo? Luana diz que ainda é cedo para pensar no assunto. Eles querem, primeiro, aprimorar seus conhecimentos, pois acham que ainda têm muito que aprender.

A única certeza é que força de vontade e mensagens positivas não faltam ao Mamatchas. "Tirar um sorriso de uma criança que não ganha nem um abraço dos pais, ou então, de um pai ranzinza de família, não é fácil. Fazer uma madame da classe altíssima ver o quanto fútil ela é, não é fácil. Ela vai entender nosso recado, mas não vai assumir isso. E quando a gente consegue, é um ponto a mais. Um ponto a mais pra gente, um ponto a mais pra criança, um ponto a mais pra madame (que vai estar se remoendo por dentro querendo nos matar). A gente quer ver resultado", conclui Luana.



Fotos Camila Garrido

O figurino do Mamatchas é colorido, e tem tudo a ver com o estilo cômico do grupo

Como Foi o Teatro Prudentino antes da década de 60?

Reportagem Camila Garrido

Quem for pesquisar, vai descobrir: na década de 1950 já começavam a aparecer manifestações teatrais na cidade de Presidente Prudente.

Entretanto, não foram encontrados documentos suficientes para que se pudesse contar esta história por inteiro. O que se tem em mãos são alguns fragmentos de suas manifestações e personagens.

Parentes e amigos dos personagens, narram histórias longínquas, mas sem nenhuma comprovação, já que muitos deles morreram e não podem hoje, contar o que viveram.

Segundo o jornal O Imparcial, única testemunha daquelas temporadas, havia um grupo no ano de 1959 chamado Graúna (Grupo Artístico Unido de Amadores), e que, na época, ensaiava a peça "Almas do Outro Mundo", comédia de Napoleão de Vitória. Era uma iniciativa particular de estudantes prudentinos para reerguer o teatro amador na cidade e trazer uma forma diferente de entretenimento e arte para a sociedade da época (não consta na reportagem o nome dos atores e nem do diretor da peça).

Existiu, também, uma grande personagem do meio artístico, que

se chamava Jupyra Cunha Marcondes, nascida em 1905, falecida em 1974.

Segundo a tese de Maria de Lourdes Ferreira Lins

que ilustra a biografia de Jupyra, sua família, que veio de São Paulo para desbravar as terras da Alta Sorocabana, trouxe grande influência para o início da cidade de Prudente. Sua casa, chamada de "Toca do João do Mato", era toda coberta por uma planta trepadeira, vivia cheia de jovens onde sua mãe - a conhecida "Tia Mariquinha" - lecionava e cuidava de seus alunos.

Segundo Washington Marcondes, seu filho, "Aligação da minha mãe com o teatro remonta ao período da grande guerra e do pós-guerra. Na época não tinha televisão, então só havia rádio. Quarta-feira sim, quarta-feira não, ia ao ar, na grande rádio Tupi do Rio de Janeiro, o programa de rádio teatro que ela fazia. Já em Prudente, escreveu textos sobre guerra e o nacionalismo que eram encenados pelos seus alunos".

Ainda de acordo com a tese a professora era "dotada de inteligência e com o dom da palavra, Jupyrinha aprendeu sozinha a produzir seus poemas e textos, e conquistava todos aqueles jovens que ficavam em sua casa. Foi professora no antigo Ginásio São Paulo na década de 1940 e, posteriormente, no Instituto Educacional Fernando Costa, onde lecionou canto orfeônico e deu aulas de francês".

Ruth Santos, ex-aluna de Jupyra em depoimento para a tese, afirma que "Ela escreveu muitas peças para os seus alunos. Um dos destaques foi "Vitória", escrita para sensibilizar o povo diante do conflito mundial (fins da 2ª Guerra Mundial) e valorizar a presença do pracinha em campos de batalha da Itália. A peça foi



As histórias anteriores ao ano de 1959 continuam ocultas

Foto: Camila Garrido

apresentada no Ginásio São Paulo, e depois no Cine João Gomes", ilustra o trabalho científico.

"O repertório da professora era infinito. Criava de acordo com a motivação da época. Transpirava civismo e despertava isso nos seus alunos também, sem ter que obrigá-los. Era essa uma grande capacidade que tinha: o de despertar o entusiasmo nas pessoas" complementa.

Foi professora de canto na escola que na época chamava-se "Conservatório Rio Dramático e Musical de Presidente Prudente", onde lutou pela ideia do reconhecimento e sobrevivência do local, já que, na época, o conservatório foi muito ameaçado de fechamento, devido a desavenças políticas, cita a tese.

"No meio de sua luta para a construção do conservatório, acabou morrendo, mas seu trabalho foi reconhecido quando a escola passou a se chamar "Conservatório Jupyra Cunha Marcondes", devido aos feitos que realizou para a propagação da arte em Prudente. "Jupyra foi uma grande artista e influenciadora do teatro na cidade. Seu incentivo e obras ficarão para sempre na memória da sociedade prudentina", depoimento de José Machado de Almeida para o trabalho científico.

A partir daqui, grandes movimentos irão acontecer na cidade de Prudente. São grupos, federações, inaugurações de espaços, que revelarão grandes personagens da história do teatro prudentino.

Esta cidade, que se diz esquecida culturalmente, abriga uma grande cultura teatral, que vai ser "retratada" nas páginas desta revista.



Foto: Acervo pessoal da família Marcondes

Jupyra Cunha Marcondes 1905 - 1974

Fotos Camila Garrido

Apresentação dos Mamatchas no dia das crianças

Em meio a espetadas, nasce Teatro do

ALFINETE

Reportagem Camila Garrido

A letra da música “Entre tapas e beijos, é ódio é desejo...” reflete bem o início do “Teatro do Alfinete”.

Em meados dos anos 1980, havia uma companhia de teatro chamada “Grupo Alegria”, companhia que era dirigida por Claudinei Pereira de Azevedo.

“Azevedo nunca dominou as técnicas do teatro, mais inventava um jeito próprio de fazer e fazia com qualidade, era um grande incentivador”, afirma Celso Aguiar.

Entre alfinetadas e trapalhadas, o grupo acaba se desmanchando e formando uma nova companhia chamada “Teatro Fênix”.

Esta companhia surge em 1980 sob o comando de Everson Corazza que, diferentemente de Claudinei, traz uma forma nova de fazer teatro, e a intelectualidade para dentro do grupo. São dessa época Gracinha,

Jorge Coutto, Emerson, Batata entre outros que valorizam ainda mais a companhia com o seu conhecimento.

Através de uma oficina ministrada por Edson Bueno, eles conhecem Denílson Biguete, que já tinha o seu grupo na época chamado Ciclo. Juntos montam, em 1989, uma peça chamada “Senhores dos Afogados”, de Nelson Rodrigues.

Quando parecia que o grupo estava fadado a desaparecer, surge, na década de 90, o “Teatro de OZ”, que montou vários espetáculos e ganhou muitos prêmios em festivais. Nesta época, Everson Corazza já não estava mais no teatro.

Depois, o grupo se separa (mais uma vez), e desta separação surge o “Teatro do Alfinete” em 2003, ação conjunta de dois personagens de toda esta história, Cláudio Dolcimasculo e Celso Aguiar.

“A companhia ‘Teatro do Alfinete’ é uma empresa constituída a favor da propagação da arte, não tem elenco fixo. De acordo com o perfil que precisamos, fazemos uma seleção e formamos o elenco da peça” diz Aguiar.

Eles já montaram seis espetáculos, um deles se destaca como

“Memória de Minhas Putas Tristes”, encenado por Hilton Nogueira Ferreira (Tinho), Cida Camargo e dirigida por Cláudio Dolcimasculo.

Trabalham com todas as áreas do teatro, mas tem como ponto base encenações com bonecos de pano, além de montagem de cenários e pesquisas na área do teatro.

Segundo Dolcimasculo, “a ideia do nome a princípio era ser um grupo viajado, dando alfinetadas para a ideia do teatro, mas não tomou esta característica. Pendeu para o lado dos bonecos, pois alfinete lembra segurança”, explica.

A empresa não recebe nenhum tipo de verba, segundo Cláudio. Este ano, estão montando projetos para conseguir apoio da Funarte (Fundação Nacional de Artes) de São Paulo. Esta verba vem através do auxílio à produção, criação e circulação dos projetos montados.

Hoje estão em processo de montagem e produção dos espetáculos “Que passa carapaça”, que é um solo de Clow e tecido acrobático, com Cintia Vendruskolo e “Boneco de Pano” do Zivaldo encenado por Camila.



Espectáculo Presepadas Piadas e Alfinetadas, na foto da esquerda pra direita Bruna Mazetti, Ítalo Antunes e Camila Siqueira.

Credito: Acervo pessoal de Cláudio Dolcimasculo

resolveu incentivar a formação de grupos teatrais.

A década de 60 é marcada exatamente pelo surgimento de vários grupos. Os que existiam eram de teatro amador e, dificilmente recebiam apoio oficial. Sendo assim, buscavam recursos na vontade própria dos seus integrantes, que iam às ruas pedir pedaços de pano, madeira, para montarem suas peças. Um dos mais conhecidos na cidade, região e até na capital foi o TEP (Teatro Estudantil Prudentino).

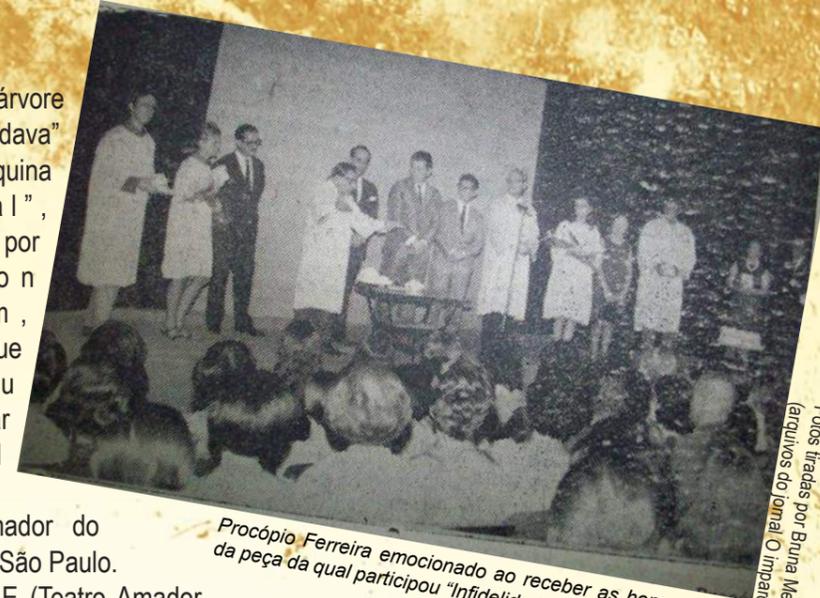
Suas raízes começam no Instituto de Educação “Fernando Costa”, o popular IE. Fruto de trabalho dos professores José Erasmo Campello e Maria Luiza Santos Abreu (Marilu Forli) - considerada como uma das precursoras do teatro prudentino - foi fundado em sete de abril de 1964. Em 66, o grupo corta o cordão umbilical com o IE para adquirir personalidade jurídica própria. Entre suas peças estão “Society em baby doll”, com a qual participou do III Festival do Teatro Amador do Estado de São Paulo; “Cem gramas de homem”; “A ditadura”; “Revolução na América do Sul” (4º lugar no IV Festival do Teatro Amador do Estado de São Paulo); “Senhora dos Afogados”, de Nelson Rodrigues (1ª peça prudentina a ser apresentada no Teatro Municipal); “Guerra mais ou menos santa”, do prudentino Timochenco

Wehbi; “A árvore que andava” e “A máquina infernal”, dirigida por Nielson Menom, e que conquistou o 1º lugar no VII Festival do Teatro Amador do Estado de São Paulo.

O TAE (Teatro Amador Eletrocauiá) também foi importante. Uma de suas peças marcantes foi “Otelo 69” (censurada e depois liberada), comandada pelo ator e já diretor da Fetas, Hilton Nogueira (Tinho), que fez o papel de Cassius. Outra que ficou em 2º lugar no VI Festival de Teatro em Presidente Venceslau foi “Fora da barra”.

Enfim, Silveira Sampaio (como era chamada a região teatral de Prudente) foi palco de várias finais e semi-finais de festivais de teatro. Agosto foi escolhido o mês do teatro em função da realização, em 1969, das eliminatórias do VII Festival do Teatro Amador do Estado de São Paulo de ter realizado seu I Festival do Teatro Amador Prudentino.

Como marca de sua atuação,



Procópio Ferreira emocionado ao receber as homenagens da peça da qual participou “Infidelidade ao alcance de todos”

Fotos tiradas por Bruna Menezes (arquivos do jornal O Imparcial)

a Fetas deixou de lembrança para fixar o nome de Prudente como cidade do teatro, o troféu transitório “O Fantoche”, que passou por vários festivais. O troféu era feito de madeira (canela), representando um palhaço após o espetáculo, cansado e recebendo aplausos. A posse definitiva do prêmio ficaria com o ganhador de três festivais consecutivos ou de cinco anos intercalados.

Apesar de todos os empecilhos da época, como a Censura Federal, onde para participar dos festivais, os grupos tinham que apresentar um certificado da mesma, a falta de público em muitos momentos, a falta de dinheiro, foram esses os anos mais memoráveis da história do teatro em Presidente Prudente.

Anos selados pelas brigas acirradas entre os grupos pela vitória, mas unidos por uma só causa: o sonho de dias melhores para esta arte. O sonho de um dia serem realmente ouvidos!



Formação de fila para prestigiar a inauguração do Teatro Municipal



Parte do Grupo TAE discutindo os últimos ensaios da peça “Otelo 69”

Fotos tiradas por Bruna Menezes (arquivos do jornal O Imparcial)

Fotos: Acervo pessoal de Cláudio Dolcimasculo

Mênades e Sátiros:

a união carnal e intelectual do teatro prudentino

Reportagem Soraia Marino

Ninfas e homens metade homem, metade bode. O que poderia surgir dessa mistura inusitada? Em Presidente Prudente, esta combinação deu origem ao grupo Mênades e Sátiros, em 2002, dirigido por Denilson Biguete. Na época, ele era professor de interpretação do curso de teatro do Senac. Os formandos daquele período apresentaram, como cerimônia de encerramento, a peça "Curto Circuito", de Timochenco Wehbi. Empolgados com a produção, decidiram continuar não só com o espetáculo, mas também formar uma companhia na qual pudessem fazer parte ativa da cena cultural prudentina.

E quando veio a idéia de dar este nome ao grupo? Thiago Cardoso, ator do Mênades desde seu surgimento, explica que o diretor Biguete assistia a um desfile de carnaval, no qual o tema de uma das escolas de samba era os mitos do teatro. "Tinham os sátiros na comissão de frente, e lá pra frente tinham as Mênades. Aí ele fez a junção dos homens meio homem, meio animal e as Mênades que são as libidinosas, as ninfas que andam nuas pelas florestas saciando a sede dos próprios sátiros, uma coisa bem carnal. E ficou Mênades e Sátiros o nome, pois atuam homens e mulheres na companhia", explica.

Biguete, ao fazer a relação entre o desfile e nome escolhido, acrescenta que da ligação das Mênades com os Sátiros, ou seja, da procriação entre eles, nascem as fadas, segundo a mitologia grega. "A ideia do nome vem da energia, da fertilidade, da loucura que é o teatro, do espírito criativo e despojado que o artista tem que ter", avalia.

Há sete anos em atividade, o grupo tem no currículo peças como "Chapeuzinho Vermelho", "A Noite das Mal Dormidas", "Dom Casmurro" e "Mal Secreto". Eles praticam a arte teatral

quase que diariamente, pois quando não estão se apresentando, estão tendo aulas ou ensaios no Lugar das Artes, espaço especialmente pensado e desenvolvido por Biguete e Cardoso.

Cida Camargo, uma das atrizes que compõem o elenco do Mênades e Sátiros, relata que o grupo tem uma característica diferenciada, pois trabalha bastante com pesquisa e é livre de estilos. "É um trabalho no qual a gente procura ser bem completo, para todo o tipo de pessoa. Nosso trabalho é levar o entretenimento, mas de uma forma diferente, através do teatro", diz.

Cardoso, eleito melhor ator na fase regional do Mapa Cultural Paulista (edição 2009/2010), fala com prazer de seu trabalho e conta que antigamente até pensou em ir embora de Presidente Prudente tentar fazer carreira em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Mas acabou desistindo da ideia ao pensar melhor e perceber que seria interessante persistir na cidade, tentar se tornar um ator renomado no interior. "É possível fazer um bom teatro também no interior", declara.

O Mênades e Sátiros, em cartaz atualmente com a peça "Mal Secreto" que traz a tona o mundo de um homem com esquizofrenia, já ensaia um novo espetáculo. Qual

o texto escolhido? A Serpente, último trabalho de Nelson Rodrigues antes de falecer. A expectativa de Biguete é que esta peça dê continuidade ao ótimo trabalho que o grupo tem desenvolvido, e supere o sucesso obtido com outros espetáculos. Trata-se de um enredo familiar, entre duas irmãs. "Elas de casam no mesmo dia, e só uma consegue se estabelecer no casamento. Em uma noite de stress e separação, a irmã oferece o marido para outra. Aí ela vai transar com o cunhado, se apaixona perdidamente, e uma tem que ceder, porque as duas não podem ficar. A partir daí é uma luta, um final surpreendente, uma história muito forte", revela.

A estreia deste novo trabalho do Mênades e Sátiros está prevista para março de 2010. Só nos resta esperar pela produção, e pela polêmica que vai causar.



Thiago Cardoso vive da prática teatral e das aulas que ministra. O projeto para 2010 é tentar viver só da interpretação

Foto: Soraia Marino

Bons Tempos

Reportagem Valquíria Zanetti

Estilo hippie, calças com enormes bocas de sino, bandas famosas como ABBA, The Beatles, do astro do rock Elvis Presley, Cyborg, época de Elis Regina, Copa do Mundo no

México com o tri-campeonato do Brasil, Sítio do Picapau Amarelo... enfim, a época da dance music. É o auge da década de 70. Assim como tudo isto foi febre no mundo e no Brasil, aqui em Presidente Prudente continuou em cena o teatro nestes anos.



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Timochenco Wehbi, grande autor teatral prudentino



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Grupo do TEP encenando a peça "Arlequim, servidor de dois amos"



Fotos: Acervo Jornal O Imparcial

Timó recebendo o diploma de título de Cidadão Benemérito

Os grupos, como o TEP (Teatro Estudantil Prudentino) continuavam fazendo sucesso com suas peças: "O caixeiro da taverna", de Martins Pena, ganhou as honras de melhor espetáculo, melhor cenário e atriz coadjuvante, Margarete do Amaral Gurgel, na cidade de Lins. Eles lançaram também a peça "Arlequim, servidor de dois amos" (As beterrabas do Senhor Duque), de Oscar Von Pihul. Conquistaram o 1º lugar, em 1971, no IV Festival de Teatro

Amador, em Presidente Venceslau, com a peça "Última chuva de verão", de Timochenco Wehbi, com direção de Dilma de Mello. No mesmo ano, apresentaram outra peça de Timó (apelido de Timochenco), "Palhaços", no Teatro Municipal, além de muitas outras.

Mais grupos surgiram, como o TESE (Teatro Estudantil do Seminário), sob patrocínio da Federação das Congregações Marianas, encenando a peça

"Pelo dever também se morre"; o TEMA (Teatro Experimental de Metas Artísticas) com "ZOO History"; o ESTA (Elenco Sarrion de Teatro Amador), que encantaram com a encenação "O enforcamento de Tiradentes", dirigida pelo professor Flávio Alberto Cezário e, em maio de 1971 com "A libertação dos escravos no Brasil" e, muitas outras obras, como "Joãozinho e as aves". O Grupo Jovem-5 (GTJ-5) mostrou no VIII Festival de Teatro Amador, a peça "O choque das raças"; o TPA (Teatro Popular de Arte) expôs "Aquele que diz sim, aquele que diz não", o Grupo Teatral Walter Disney encenou "Romeu e Julieta" e o TACO mostrou sua comédia "A morte do imortal", apresentada após "Morte e vida Severina", na direção de Silney Siqueira.

Segundo informações nas matérias desta época do jornal O Imparcial, houve um enfraquecimento de incentivo para que os grupos continuassem se apresentando. Em julho de 1973, a Fetas (Federação de Teatro da Alta Sorocabana) vai à capital em busca de apoio para o XI Festival de Teatro Amador. Pede ao comércio doação de material de propaganda (chaveiros, camisetas) e aos jornais a divulgação do evento. Ainda no mesmo ano, devido a várias diretorias, a Fetas estava fadada ao fracasso. Tentando reerguer o teatro na cidade, alunos do Ginásio Soares Marcondes (Bosque) se juntaram e encenaram a peça "Tiradentes", ensinados por Alberto Ferrarezi.

Também de acordo com os textos do jornal, o XI Festival de Teatro Amador foi marcante, pois além de teatro, houve festival de música, programas sociais, palestras, cursos de teatro e exposição de artes plásticas. "Graças à grande participação de grupos inscritos (quase duzentos, cerca de seis mil atores), no ano seguinte será feito um novo teatro", afirma Carlos Pinto, presidente da Cotaesp

Entre risos e palhaçadas

Reportagem Bruna Menezes

Provocar o riso nas pessoas, esse é o principal objetivo do grupo de circo teatro Rosa dos Ventos. “Pode ser meio genérico, mas gostamos muito de ver as pessoas rindo. Gostamos muito quando acertamos na dose e fazemos um espetáculo que as pessoas se divertem. É um entretenimento, é manter as pessoas entretidas na rua, o que não é fácil. Buscamos o riso”, conta o ator Fernando Ávila, um dos integrantes da companhia.

O grupo foi fundado em 1999 por alunos da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp), com o Projeto Alegria, de extensão universitária, que tinha como objetivo desenvolver um trabalho junto as escolas públicas e entidades assistenciais, envolvendo cantigas de roda, teatro e brincadeiras pedagógicas, uma junção de folclore, teatro e circo.

Hoje percorrem o Brasil se apresentando e ministrando oficinas em mais de 200 cidades, em 15 estados brasileiros, com um projeto próprio, em busca de um circuito popular itinerante.

“Hoje tem Espetáculo” em cartaz desde abril de 2001, foi o primeiro trabalho apresentado pelo grupo, e conta a história do que acontece quando quatro

palhaços resolvem tomar conta de um circo. O resultado disso é um espetáculo que une elementos da cultura circense como, malabarismo, mágicas, acrobacias, perna de pau, monociclo e atirador de facas a grandes palhaçadas.

Mais quatro peças foram apresentadas pela trupe, “Saltimbembe Mambembancos”, “Parada de Rua ou O Bicho”, “O Cortejo” e “A Farsa do Advogado Pathelin”.

O grupo se mantém através da venda dos seus espetáculos e oficinas.

“Um trabalho que já perdura por alguns anos são as aulas, que acontecem toda terça-feira, junto ao Projeto Aquarela que é destinado a crianças carentes de nossa

cidade. Somos palhaços capitalistas que exploram os inocentes sorrisos das criancinhas”, brinca Ávila quanto ao projeto Aquarela do qual fazem parte.

Sobre o futuro, eles já têm um objetivo definido. “Estamos buscando aprimorar nosso trabalho de teatro de grupo. Trabalhamos na rua e ela pede uma estética e estamos buscando nossa linguagem para nos aprimorar”, relata Ávila



Foto retirada do site do Rosa dos Ventos

Foto acervo pessoal de Fernando Ávila

Timó o pequeno e tímido grande homem.

Reportagem Soraia Marino

Nos anos quarenta do século passado, nasceu um menino. Criativo, reservado e apaixonado por todo tipo de arte. Em 1967, aos 24 anos, fez sua estreia no teatro. Natural da cidade de Presidente Prudente teve o mundo como palco de história e trabalho. Esse é Timochenco Wehbi, mais conhecido como Timó.

Sua carreira teatral, iniciada na capital São Paulo, teve como marco a peça “Os Fuzis da Sra. Carrar”, na qual trabalhou como assistente de direção.

Apenas um ano após a estreia, formou junto com outros sócios a Escola de Teatro da Fundação de Artes do município São Caetano do Sul, onde realizava, em conjunto com alunos, a releitura de textos de Cervantes e Tchecov.

O primeiro prêmio que recebeu – o de autor revelação – veio em 1970, quando escreveu a peça, “A vinda do Messias”, um monólogo no qual uma costureira deseja um homem, que é ao mesmo tempo uma divindade.

Este foi o estopim para que Timochenco voasse cada vez mais alto. Mundo afora, criou um espetáculo atrás do outro. Entre os

grandes sucessos estão “Palhaços” e “O Dia de Pierrot”.

Seu último trabalho em vida foi a peça “Curto Circuito”. Ainda assim, “Morangos com Chantilly”, estreou após o falecimento do Timó. Com apenas quarenta e três anos de idade, em 1986, um infarto interrompeu para sempre a gloriosa carreira deste autor prudentino.

Mas a morte não conseguiu apagar o legado que Timochenco deixou. Para se ter uma ideia, além de escrever obras, ele atuou como professor na ECA (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo) e na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), ambas na cidade de São Paulo. Foi membro e crítico de

diversas comissões teatrais, festivais e também do jornal Folha da Tarde.

Não bastasse todo o sucesso obtido com o teatro, Timó foi um ótimo aluno, gostava de se fantasiar de Pierrot nas festas de carnaval e, ainda, pintou diversos quadros – secretamente guardados pela família. Apaixonado por cinema e música, foi sem dúvida, o grande talento de Presidente Prudente até hoje.

Na cidade em que nasceu, aliás, existe um centro de cultura que leva o nome do artista, a Oficina Cultural Timochenco Wehbi, onde projetos gratuitos de artes plásticas, teatro, música e muitas outras formas de cultura, são oferecidos para um público de faixa etária diversificada.

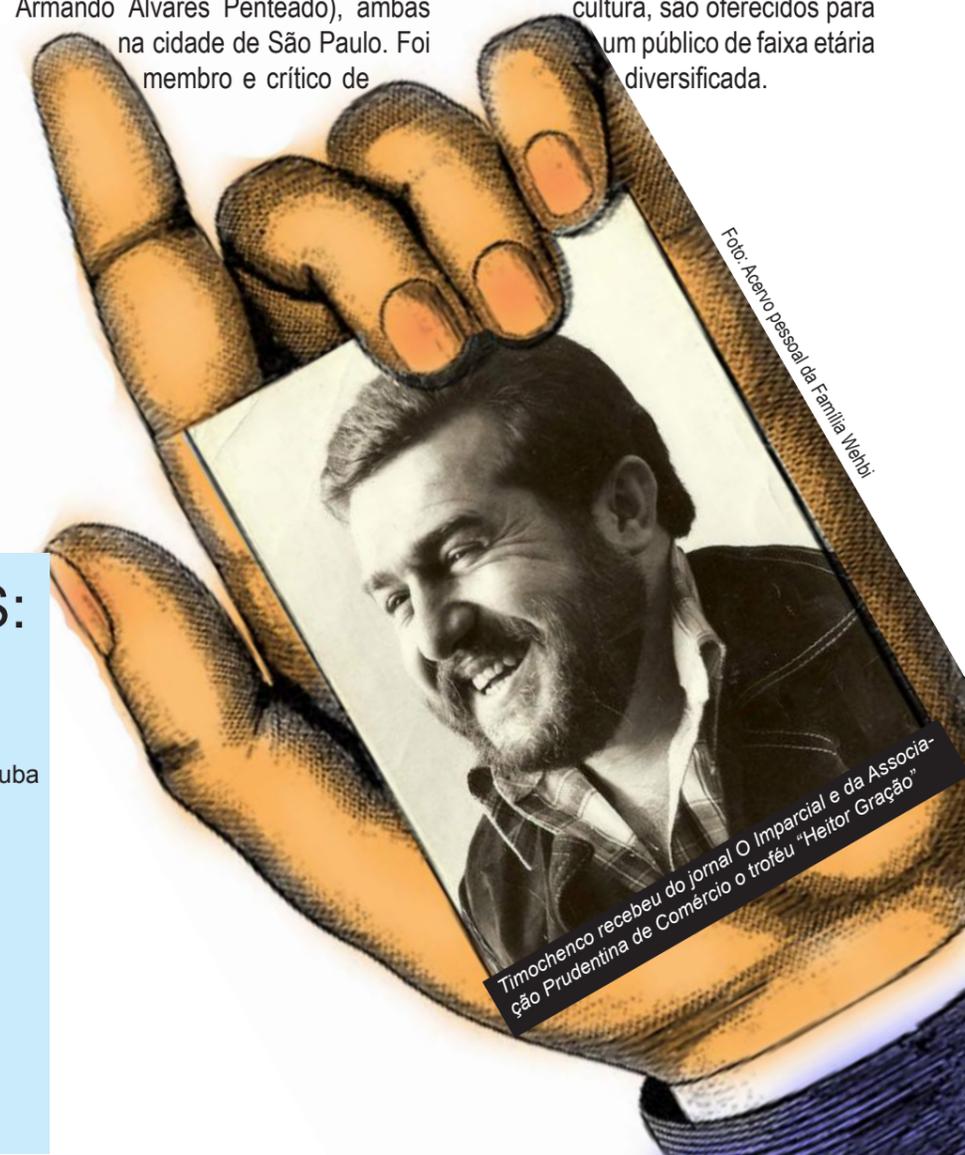


Foto: Acervo pessoal da Família Wehbi

ESPETÁCULOS:

- 1970 A Vinda do Messias
- 1971 Palhaços
- 1972 O Dia de Pierrot
- 1973 A Dama de Copas e o Rei de Cuba
- 1974 A Perseguição
- 1974 Santa Joana Darc
- 1975 Bye Bye Pororoca
- 1987 Curto-Circuito
- 1987 Morangos com Chantilly

A união faz a força!

Reportagem Camila Garrido

Há 31 anos existe um grupo de teatro que sobrevive da garra e força de vontade de seus integrantes.

A “Prudenpax” é a companhia mais antiga que está até hoje em ação na cidade de Presidente Prudente.

Silvio Moreira, diretor do grupo, relata que o seu interesse por teatro começou enquanto estudava. Participou do 1º grupo estudantil de teatro da Escola Estadual Comendador Tanel Abbud, trabalhou como ator durante cinco anos e, devido a experiências com o teatro, montou um grupo chamado, na época, Arco Íris. Por lá passaram mais de 200 atores, dentre eles Adalberto Garcia (hoje professor de teatro do Cristo Rei), Cássia Santana, Isabel da Silva, Gil Gonçalves e Roberto Falcão que hoje já não fazem mais teatro.

Em 2000, o grupo Arco Iris se desmancha e passa a se chamar Prudenpax. Recebe este nome devido a um convite que a funerária Prudentina Prudenpax lhe fez na época.

A funerária tinha como intuito investir na divulgação da arte para os seus associados. O trabalho acabou dando tão certo que hoje o grupo viaja para todas as regiões, levando o teatro

a todas as faixas etárias. E ainda ela oferece auxílio a montagem de cenário, de figurinos e viagens para apresentação das peças.

“Já passamos por muitas coisas por essas estradas afora. É carro que quebrou no meio da estrada, é prefeito que contratou o grupo depois que nós chegamos à cidade, falou que não contratou, outro falou que não tinha dinheiro para pagar, é a falta de lugar para se apresentar, de lugar para dormir, enfim muitas coisas acontecem, explica Moreira.

E acrescenta: “Mas, ao mesmo tempo, conhecemos pessoas boas, pessoas que nos deram ajuda quando precisamos, pessoas que se tornaram nossas amigas até hoje”, lembra.

O grupo faz um teatro voltado para as crianças. Já montou 12

espetáculos no total, entre eles “Saltimbancos” de Chico Buarque de Holanda, “Terra a Vista” de Ruth Rocha, “Castelo de Mulumi” de Jurandir Pereira e os tradicionais “A Cigarra e a Formiga” e “Os Três Porquinhos”.

Já participaram de diversos festivais, ganhou vários prêmios com a peça “Flautinha do Uirá”, que concorreu a melhor cenário, melhor figurino, melhor direção entre outros, apresentada na Amostra de Teatro Prudentino.

Seus espetáculos têm uma grande produção em relação a cenário. Quem vê não pensa que aquilo tudo foi produzido por eles mesmos. E é assim que a companhia sobrevive da própria força de vontade, pelo amor à

arte, pela imaginação que cada um tem e, principalmente, pelo trabalho em grupo.

“Viver do teatro não é pra qualquer um, você tem que gostar do que faz e fazer com amor e dedicação, senão não vai pra frente,” conclui Moreira.

Foto: Acervo pessoal de Silvio Moreira



Em cena Crislaine, Victor Hugo, Lucilene e Ana Cláudia

e começa o espetáculo

a realização dos mais variados tipos de eventos, em especial as peças teatrais.

O local ainda conta com uma extensão que é o Teatro de Arena Timochenco Wehbi, uma opção a mais de divertimento do ramo.

Nos seus palcos já se apresentaram renomados atores como Fernanda Montenegro, com a peça Dona Doida, Paulo Autran, com O Quadrante, Juca

de Oliveira, com Meno Male, entre outros.

Atores e diretores prudentinos também fizeram parte dessa trajetória, como por exemplo, Hilton Nogueira, o popular Tinho, com Santo Milagroso. “Essa peça foi a que inaugurou o teatro César Cava a pedido da coordenadoria da universidade”, conta Tinho.

Esse espaço também é palco do Festival Nacional de Teatro

desde o seu início em 1999, até a última edição realizada no mês de agosto deste ano, que contou com a apresentação de nove apresentações dos mais variados grupos teatrais do país. Entre elas, estavam Mediano, do grupo Anjos de Todas as Cores de São Paulo e Contos Proibidos de Antropofocus, do grupo Antropofocus de Curitiba- (PR).



Espectáculo com a Cia Unoeste

Foto: Acervo pessoal Fabio Nogueira



Em cena um dos grandes artistas de Prudente, Hilton Nogueira com a Cia Unoeste

Foto: Acervo pessoal Fabio Nogueira

A Unoeste Cia de teatro já montou espetáculos como:

- Liberdade Liberdade;
- Baile na curva;
- Uma peça por outra;
- Olinda Olinda;
- Madame Blavatsky;
- Ponto de partida;
- Mão na luva;
- Pássaros entre outros.

Verbos e Verbas

Reportagem
Valquíria Zanetti



Foto: Camilla Garrido

Diretor e Produtor Cultural Denilson Biguete

Quando o assunto é dinheiro, todo mundo gosta, desde que não mexam em seu bolso.

Mas e quando se trata de dinheiro dos cofres públicos, você se interessa?

A maioria do povo brasileiro vive reclamando dos impostos (que não são poucos), mas nem vai atrás para saber para onde vai tanto dinheiro, no que está sendo gasto e investido. Como esta revista é cultural, nada mais conveniente do que investigar com a Secretaria da Cultura de Presidente Prudente, o que fazem com a "grana" que recebem do governo.

Para saber melhor sobre estes recursos, o diretor do Departamento de Difusão da Secretaria Municipal de Cultura, Denilson Biguete, conta sobre o dinheiro investido no teatro prudentino, ele que é responsável pela organização e circulação de eventos e bens culturais do município.

RETRATOS - Quanto aos grupos... tem que pagar para poder apresentar suas peças nos teatros da cidade? Qual a taxa cobrada, o aluguel do local? E para grupos de fora, quanto fica?

Denilson Biguete - A taxa pública cobrada para a utilização do Teatro Municipal com cobrança de bilheteria é:

-10% da bilheteria bruta ou 20% do salário mínimo vigente (o que for maior) para grupos artísticos ou entidades de Presidente Prudente.

-Taxa de 50% do salário mínimo para grupos artísticos ou entidades de outras regiões do país.

Para utilização do teatro, sem

cobrança de ingresso, a taxa é:

-50% do salário mínimo para grupos ou entidades de Presidente Prudente.

-01 Salário mínimo vigente para grupos artísticos ou entidades de outras regiões do país.

RETRATOS - E no Fentepp (Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente), como isto funciona?

Biguete - Quanto à participação no Fentepp, os grupos selecionados pela Curadoria não pagam nenhuma taxa para se apresentarem, pelo contrário, recebem uma ajuda de custo com valores variados entre R\$4.000,00 a R\$6.000,00, dependendo da região proveniente.

RETRATOS - Quanto é gasto por ano no evento? E como é distribuído este dinheiro?

Biguete - O orçamento final do XVI Fentepp, realizado neste ano de 2009 foi de R\$344.709,00 (trezentos e quarenta e quatro mil, setecentos e nove reais). Esse valor foi gasto nos itens: alimentação, hospedagem, transporte, ajuda de custo para grupos e convidados, mídia e infraestrutura de palco, luz e som. Deste montante, R\$37.000,00 (trinta e sete mil reais) foram investidos em materiais publicitários e mídia. Também foram gastos cerca de R\$ 3.500,00 com máscaras e álcool gel. A fonte foi do próprio orçamento do Festival.

RETRATOS - Quem administra todo esta verba? Fica na mão de uma só pessoa? Isto é monitorado?

Biguete - O orçamento é

administrado pela Secretaria Municipal de Cultura e pelo Sesc Thermas de Presidente Prudente.

RETRATOS - Sobra verba para o próximo ano? Em qual local é publicada a verba... Diário Oficial? Onde?

Biguete - Não sobram verbas para o próximo ano. O orçamento fica disponibilizado para divulgação, caso solicitado, no Departamento Financeiro da Secretaria Municipal de Cultura.

RETRATOS - Quem patrocina o festival? A prefeitura ajuda ou vem tudo do governo?

Biguete - O Festival é realizado pela Prefeitura Municipal por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com o Sesc-SP e Secretaria de Estado da Cultura.

RETRATOS - Quanto à divulgação do Fentepp... Em quais meios é feita? É paga ou é patrocinada?

Biguete - A divulgação do Fentepp é feita nacionalmente através de materiais gráficos impressos, TVs, rádios, jornais e Internet. Alguns meios de comunicação, por exemplo, jornais e Internet são gratuitos.

Um Novo Tempo para o Teatro Prudentino

Reportagem Camila Garrido



Em pose para foto da esquerda para a direita, Aldo Batista, Cláudio Dolcimasculo, Sandra Melchior, Cleiton Moreira, Roberto Bertocini e Adalberto Garcia, este é o Teatro de Oz

Foto: Acervo pessoal de Claudio Dolcimasculo

Batalha. Persistência. Realização. Essas palavras definem a década de 1990 para o teatro de Presidente Prudente que vivenciou uma verdadeira tsunami cultural.

"Nessa época, os grupos de teatro amador da cidade passaram por crises, separações, fizeram manifestações, voltaram a se unir e a montar peças" diz Celso Aguiar.

Pode-se dizer que ocorreu um conformismo da parte desses grupos, depois de tanta luta sem retorno ou será que desistiram dos seus objetivos?

Desistir é uma palavra que não cabe no vocabulário de alguns personagens dessa época, como Denilson Biguete, Fabio Nogueira, Celso Aguiar, Claudio Dolcimasculo, Silvio Moreira, Adalberto Garcia, entre outros.

Apesar da persistência, as companhias não escaparam da formação de novos grupos, separações dos mesmos, montagens de peças, premiações, festivais, luta por patrocínios e verbas.

Segundo Aguiar, em 1995 forma-se um grupo muito importante para a história do município. Trata-se de "O Teatro de OZ", que foi a convergência de vários personagens de diferentes conhecimentos, que juntos faziam um teatro de qualidade.

Aguiar diz ainda que ousa afirmar que a companhia "foi o melhor grupo de pesquisa, participação e conhecimento desta década".

O grupo montou várias peças e participou de muitos festivais, dentre eles o Mapa Cultural Paulista, concorrendo com 115 espetáculos de todo o estado. E adivinhe? Ganhou o primeiro lugar e um prêmio de 15 mil reais com o espetáculo Campo Geral, história de Miguelinho, de Álvaro Guimarães Rosa.

Em 1996, montou a peça "À Hora da Estrela" de Clarisse Lispector, primeiro espetáculo que ganhou prêmios no Fentepp (Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente), como melhor atriz, Sandra Melchior, melhor direção, Claudio Dolcimasculo e um prêmio especial do júri.

Viajaram durante dois anos com os espetáculos. Logo em seguida montaram "Memorial do Convento" de José Saramago e ganharam sete prêmios no festival de Penápolis. Neste mesmo ano, se inscreveram no Mapa Cultural mais uma vez, mas foram desclassificados na fase final municipal do concurso.

Dolcimasculo diz que, até hoje não sabe o motivo, mais crê que foi intriga política, devido à projeção que a companhia estava obtendo.

Os artistas desanimaram, separaram-se e cada um seguiu com seus projetos individuais.

Esta década foi marcada por muita polêmica. Personagens da época, como Dolcimasculo e Silvio Moreira, afirmam que houve desvio de verbas, houve um ciúme em relação à projeção de grupos, muitas pessoas desistiram de fazer teatro, muitas foram embora da cidade, outras mudaram de profissão. Houve barreiras políticas e sociais entre outras situações.

Mas a época também foi marcada pela força e pela garra de pessoas que são sonhadoras, que acreditam nos seus sonhos, e que correm atrás dos seus objetivos, independente do que for.

O outro lado da luta

Reportagem Valquíria Zanetti

Em 1980, era apenas um tímido lampião. Em 1993, uma estrela revelando suas primeiras nuances. Hoje, 2009, é um cometa, uma constelação de talentos, algo muito raro de se ver. Agora é em âmbito nacional. De todos os cantos do país surgem personagens que despontam nos palcos, nos tabladros da cidade. Em sua décima sexta edição, o Fentepp (Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente) deixou de ser apenas a convergência de talentos do teatro para se tornar uma das atrações mais disputadas por artistas também do circo, da ópera, das performances, da dança...

A ideia de fazer um festival que fosse reconhecido e valorizado foi do atual secretário de Cultura, Fábio Nogueira, em 1985. Na época, não havia estrutura, não tinha alimentação, cachê, hotel, mas havia a participação de pessoas importantes no festival. Nasceu com o nome de Fetepp (Festival de Teatro de Presidente Prudente), de abrangência apenas local, ele despertava desconfiância de que iria vingar como evento cultural. Não havia prêmio de melhor ator, só de melhor espetáculo. Demorou, mas em 1999 se tornou nacional.

Um verdadeiro luxo, o Festival trouxe este ano não mais do que peças dos estados de Minas Gerais, Rio

de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Alagoas e claro, da capital paulistana.

Porém, apenas um grupo dos que existem em Prudente participou do Fentepp. Nogueira explica a razão. "Você vai montar um festival de teatro nacional e tem dinheiro para trazer vinte grupos. Daí você coloca dez de Prudente. Qual a vantagem de se fazer um festival nacional? Os grupos daqui da cidade você pode ver a qualquer hora. Todo final de semana tem apresentação deles pelos teatros. O Festival é feito para que venha mais peças de fora, peças de outras cidades que as pessoas daqui nunca vão ver. As pessoas querem ir ao Festival, pois é novidade. As pessoas poderiam assistir os grupos da cidade no dia-a-dia, mas não é isso que acontece".

Mas, mesmo assim, o evento este ano trouxe uma grande plateia. Durante nove dias, de 21 a 29 de agosto, o público prudentino e até mesmo de outras regiões pode prestigiar atores, atrizes, grupos teatrais de grande qualidade artística.

O TEATRO perde espaço!

Reportagem Soraia Marino

Falta de locais apropriados. Falta de incentivo. Falta de valorização. Falta tudo na história do teatro prudentino!

Desde o seu surgimento na cidade, o gênero encontra dificuldades para se socializar e ascender como parte integrante do desenvolvimento de Presidente Prudente.

As longas e esburacadas estradas que fazem parte deste caminho? Podemos citar a ditadura militar, que censurava não só o ideal criativo, inovador e reflexivo do teatro, como também a própria ideia de ser artista. Tinho, um dos pioneiros da arte cênica no município, conta que os atores sempre foram marginalizados e que, durante este período da história política nacional, o caminho encontrado foi o da fuga. As pessoas faziam teatro, gostavam de teatro, mas tudo era realizado de uma maneira velada, secretamente, muitas vezes em lugares improvisados. Ele aponta, também, o consumo de drogas e apelação sexual como pontos que afastaram a arte dos que queriam consumi-la e incentivá-la.

Mas os problemas não param por aí. Não havia, na cidade, locais apropriados para a apresentação teatral. E mesmo depois de construídos, os atores não tinham acesso fácil a eles. Fábio Nogueira diz que, por isso, qualquer lugar era lugar de ensaiar e de se apresentar. Ele relata, ainda, que devido a essa falta de estrutura, os atores tinham que saber fazer de tudo, desde a montagem do cenário a improvisação

de iluminação.

Silvio Moreira cita outro impedimento: o despreparo. Para eles, muitas pessoas faziam teatro por gosto, por hobby, e não por vontade de seguir aquela profissão, de estudar, de crescer. Segundo ele, elas achavam que gostavam, pensavam que sabiam o que era ser ator, e quando passavam-se os meses percebiam que não queriam aquela vida e tomavam novos rumos.

E para quem pensa que as dificuldades terminaram, são necessários muitos outros esclarecimentos e pontos de vista. Laerte Silva, por exemplo, aponta o público como uma barreira. Para ele, até hoje existe aquela imagem de que peças de grupos de Prudente são mal produzidas. Tanto que, na opinião dele, os espectadores prudentinos dão mais valor a espetáculos que vêm de outras cidades e selecionam de vez em quando uma peça da cidade para assistir.

Claudio Dolcemascuro compartilha do mesmo pensamento que Laerte, com um agravante: segundo ele, que é presidente da Federação Prudentina de Teatro, a culpa da desvalorização da arte local vem dos próprios atores, que não se preparam adequadamente, não estudam, não se aprofundam e até não ensaiam o suficiente o texto e o espetáculo.

Fora todas as discussões acima mencionadas, o teatro em Prudente esbarra, muitas vezes, em um problema comum à maioria da

população mundial: dinheiro. Segundo Silvio Moreira, a Secretaria Municipal de Cultura da cidade não oferece apoio aos grupos locais. Com base nesta reclamação, a reportagem ouviu as 11 companhias teatrais existentes na atualidade no município. Além da Cia Unoeste, que recebe apoio privado da própria instituição que leva o seu nome, apenas o Rosa dos Ventos e Os Mamatchas relatam que foram contemplados com incentivos do Proac (Programa de Ação Cultural), que são recursos do Governo do Estado. De verba e incentivo municipal, somente o Mamatchas e Mênades e Sátiros afirmaram receber algum tipo de ajuda, que varia conforme o grupo e o tempo. Os outros sete disseram não receber verba da atual gestão municipal.

Mas o que Fábio Nogueira pensa sobre isso? Ele considera que para um grupo receber apoio, primeiro deve se dedicar aos estudos, conhecer tudo sobre teatro, sobre a infraestrutura e manutenção dos espaços. Para o secretário, uma companhia que só tem uma peça no currículo, atores que fizeram só uma oficina, não estão aptos a receber dinheiro, pois acham que por terem feito isso, já são profissionais, já têm direito de reivindicar.

No entanto, a informação fornecida pelo secretário é que, atualmente, a receita da Secretaria é de 6 milhões de reais, o que mostra que a luta destes grupos por espaço, por direito, por respeito e civilidade, está apenas no começo.